

PARATEXTOS E CONTEXTOS DA OBRA INFANTIL LOBATIANA: TIA NASTÁCIA EM CAÇADAS DE PEDRINHO

Prof. Dr. Marisa Lajolo (CNPq, UNICAMP, Universidade Presbiteriana Mackenzie)

1 Introdução

Este texto debruça-se sobre polêmicas recentes relativas à presença de estereótipos raciais na obra infantil de Monteiro Lobato, particularmente em Caçadas de Pedrinho. Algumas passagens do parecer 15/2010 do Conselho Nacional de Educação balizam a questão que aqui se pretende discutir.

" A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isto não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam (sic) ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro " (p. 2)

" (...) a crítica, realizada pelo requerente foca de maneira mais específica a personagem feminina e negra tia Anastácia (sic) e as referências aos personagens animais tais como urubu, macaco e feras africanas. estes fazem menção revestida de estereotipia ao negro e ao universo africano, que se repete em vários trechos do livro analisado" (p.2)

" (o requerente) ... cita o cuidado da editora ao destacar na capa da publicação a adoção da nova ortografia da língua portuguesa, bem como de esclarecimento em relação ao contexto em que a obra foi produzida e os atuais avanços políticos e sociais da preservação do meio ambiente constantes do texto de apresentação (...) todavia o mesmo cuidado (...) não é tomado em relação aos estereótipos raciais presentes na obra " (p. 2-3)

Entre as ações que o parecer recomenda que sejam desencadeadas inclui-se

" exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura. Esta providência deverá ser solicitada em relação ao livro Caçadas de Pedrinho e deverá ser extensiva a todas as obras literárias que se encontrem em situação semelhante " (p. 5)

As considerações e restrições que o presente texto faz à posição assumida pelo

CNE, longe de desqualificar a questão, pretende sublinhar a extrema relevância de sua discussão no Brasil atual, e levantar a hipótese de que o *caso* Lobato é oportunidade rara para discutir questões sérias de Teoria Literária.

LEITURA E ESTUDOS LITERÁRIOS A discussão começa pela clássica e seminal noção de *sistema literário* formulada por Antonio Cândido a propósito da literatura brasileira, tomando-a como base de uma teoria literária que concebe a literatura como o conjunto de *obras* que, percorrendo um dado circuito entre *autores* e *públicos* tem neste percurso atribuída/chancelada sua – digamos- *literariedade*.

A noção de sistema literário costuma ser apresentada como um triângulo no qual os vértices representam, respectivamente, *obras*, *autores* e *públicos*.

Há várias maneiras de encarar e de estudar a literatura. Suponhamos que, para se configurar plenamente como sistema articulado, ela dependa da existência do triângulo " a autor-obra-público " e m interação dinâmica " (p. 17-18)

" (...) literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo, como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação de diferentes aspectos da realidade " (p. 25)

Os estudos literários, tradicionalmente, parecem privilegiar as *categorias-vértic*. Com efeito, vertentes de extração formalista e retórica privilegiam a *obra*, vertentes de cunho psicanalista ou biográfico privilegiam o *autor* e vertentes contemporâneas inspiradas na Estética da recepção (ainda que com poucos textos analíticos representativos) privilegiam *leitores*.

É na esteira dos estudos literários voltados para leitores e leitura que podem ser extremamente produtivas reflexões que se detenham não apenas nos *vértices*, mas também nos *lados* triângulo que representa o sistema literário, conceituando, formalizando, pesquisando e discutindo as *mediações* entre *autores e obras*, entre *obras e públicos* e entre *autores e públicos*. Pois talvez seja na articulação entre os vértices do triângulo que se realize a atribuição de *literariedade* a um texto e a mensuração de sua qualidade.

Pesquisas mais recentes sobre a História da Leitura (área ampla que recobre a história *do livro e de livros, do leitor e de leitores, de autores e de editores*) apontam para a importância destas mediações.

E é nestas mediações que se inscrevem os *paratextos* - mediadores por excelência – dispositivos textuais entre os quais se inclui o mencionado texto que apresentação que, na abertura de Caçadas de Pedrinho que, segundo o CNE, esclarece *o contexto em que a obra foi produzida e os avanços políticos e sociais da preservação do meio ambiente*.

Estudos da História da Leitura convivem com pesquisas que apontam para decréscimo e deterioração da capacidade de leitura de faixas largas da população mundial. Simultaneamente a este diagnóstico sombrio – e talvez articulado com ele – multiplicam-se investimentos – também em âmbito mundial – na difusão da leitura. Governos, entidades privadas e o terceiro setor propõem e implementam, em escala nunca vista, campanhas em prol da leitura que contemplam, da formação de mediadores de leitura à distribuição de acervos.

No discurso que a promove, a leitura – particularmente a leitura literária – é apresentada como uma prática altamente positiva e mesmo essencial para a construção de um mundo melhor, para a formação de cidadãos independentes, críticos, solidários, generosos. Cidadãos abertos para o *outro*, tolerantes para com o *diferente*, envolvidos na construção de um mundo mais justo e de um planeta mais saudável. Daí a importância e o volume de verbas conferidas à leitura em políticas de estado.

Simultaneamente à construção e difusão desta imagem da leitura como prática social desejável e positiva, estudos voltados para a leitura – oriundos de áreas de conhecimento tão distintos como a Teoria Literária, a Linguística, a Pedagogia e as

Neurociências - têm apontado a figura do *leitor* como um ser ativo que, face a um texto escrito, negocia constantemente – com o autor e consigo mesmo – os sentidos que vai atribuir ao que está lendo. É o que, em termos metafóricos significa dizer que *o leitor é sujeito de sua leitura*. É esta concepção de leitura como *construção* e não como *decifração* de significados que, desbancando antigas pedagogias de alfabetização e de leitura, fundamenta modernas metodologias para seu aprendizado e aprimoramento.

No entanto ...

... no entanto, a fidelidade à hipótese da liberdade do leitor na construção de sentidos para o que lê, bem como o direito ao exercício pleno desta liberdade trafega na contramão da cada vez mais disseminadas e recomendadas práticas de incluir paratextos em textos literários.

PARATEXTOS Para-textos são espaços discursivos nos quais a mediação entre o *leitor* e a *obra* - retomando a formulação de Antonio Cândido – torna-se mais evidente: mediação compulsória, ostensiva. Registrada na escrita e indissociável do texto. *Apresentações, advertências, rodapés, notas de margem de fim* são alguns dos espaços voltados para *apoio, monitoramento e gerenciamento* da leitura. Particularmente rodapés em obras literárias, são paratextos convocados quando quer que se suspeite que o leitor não dispõe de conhecimento e/ou informações necessárias para *exercer seu direito de construção de significados* ou então quando se teme que ele exacerbe esta liberdade e não construa o significado *adequado, canônico*, no limite, *correto* para o que lê.

A prática é antiga e documentada na história ocidental dos livros, inclusive na literatura brasileira.

Basílio da Gama e José de Alencar tomaram providências para seus leitores não fazerem leituras distintas das que eles pretendiam para seus livros O uruguay e Iracema.

Nesse espírito, paratextos ganham um significado muito especial quando presentes em livros para crianças e jovens e impedem que nos desfaçamos muito rapidamente da ideia de leituras e interpretações *corretas e incorretas*. A ideia de que *qualquer leitura* é válida corre hoje paralela à ideia de que *o leitor é sujeito de sua*

própria leitura. A reivindicação de paratextos, no entanto, leva-nos a supor, ao menos por hipótese, que não seja exatamente assim, que haja, sim, interpretações *incorretas* para um texto.

A questão é muito delicada, mas nem por isso devemos evitá-la. Ao contrário, devemos encará-la.

Seria possível defender uma leitura da Pasárgada bandeiriana - *Vou me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei/ Lá tenho a mulher que eu quero/na cama que escolherei* “ propaganda monarquista ? Absolutamente não !

E por que não ?

Porque leituras ocorrem em situações socialmente marcadas. Ou seja, o contexto da leitura contribui para a construção de seu significado. A leitura se perfaz sobre suportes materiais que antecipam certas expectativas de significados e afastam outras, e os próprios textos – nas leituras que deles vem sendo feitas- têm uma história que baliza seus sentidos. E, sobretudo, porque diferentes leitores ocupando posições de maior ou menor força dentro do sistema literário imprimem maior ou menor credibilidade aos sentidos que atribuem aos textos que lêem e sobre os quais se manifestam.

Ou seja, a significação de um texto se constrói no interior de um *sistema literário*, à sombra da tríade *autor-obra-público*. Significados de textos são coletivamente construídos, desconstruídos, re-construídos.

É no inconsútil tecido que articula os vários pontos de um sistema literário que se constroem, no seu interior, as *comunidades interpretativas* , que se delimita o *campo literário* que se manifestam e trabalham suas instâncias e seus agentes. Tais agentes e tais instâncias são responsáveis pelas mediações que - ao articularem *de certas maneiras e não de outras* - os vértices do triângulo *leitores-obras-autores*- definem não apenas certos textos como *literários* e outros como *não literários* , mas certos textos literários como *melhores* e outros como *piores* e certas leituras como *corretas* e outras como *incorretas* .

E poderia ser diferente ?

Talvez não.

Daí os paratextos ...

É para impedir certas interpretações e (na melhor das hipóteses) sugerir outras que paratextos existem. Sobretudo em livros destinados a jovens, paratextos pretendem garantir que os leitores atribuirão ao texto que lêem os significados que leitores em posições de força no interior do sistema literário estabeleceram como adequados sendo, portanto, julgados *corretos* .

A urgência de garantir - à distância e por antecipação- certas interpretações para certas passagens dos livros opera num *buraco negro* - talvez o maior deles- dos estudos da linguagem . Sabe-se muito pouco como efetivamente *funciona* a leitura. , Sabe-se muito pouco dos efeitos que tem o lido na cabeça e na vida de quem lê.

Pressupõe-se, por exemplo, que leitores – sobretudo os imaturos- tenderão a imitar procedimentos, valores e atitudes presentes no que lêem. Daí a norma expedida por órgãos centrais da educação (ou a eles atribuída) de que não devem ser distribuídas aos alunos obras que manifestem ou incentivem procedimentos, valores e atitudes preconceituosas e racistas. Daí, por exemplo, que em livros didáticos contemporâneos, a cantiga *atirei um pau no gato-to / Mas o gato to / Não morreu – reu- reu* seja re-escrita de diferentes e sempre horrorosas maneiras.

Na base desta re-escritura, parece estar a crença de que, lendo e cantando a canção na versão original, os pequenos leitores sentir-se-ão tentados e liberados para matar bichanos a pauladas. No mesmo sentido, alguns contos de fadas apagam a figura da madrasta, para que leitores e ouvintes do conto não interpretem esta antologicamente malvada personagem de papel e tinta com a madrasta de carne e osso com que convivem. E ainda, num assomo de bizarrice, algumas versões de Chapeuzinho Vermelho não matam o lobo mau, mas o remetem para uma reserva ecológica ...

Este lobo que escapa dos caçadores é a ponte para retornarmos às Caçadas de Pedrinho em cujo enredo a criançada efetivamente mata uma onça, e a leva para o sítio, com a ideia de esfolá-la e usar sua pele para um tapete.

Na edição mais recente da obra – selo da Globo, 2006 – provavelmente à luz das interpretações que a legislação tem recebido, bem como das medidas através das quais o mundo editorial vem cumprindo recomendações do MEC, Caçadas de Pedrinho abre-se com uma nota tida como exemplar pelo Conselho Nacional de Educação. Lê-se na nota que

" (...) *essa grande aventura da turma do Sítio do Picapau Amarelo acontece em um tempo em que os animais silvestres ainda não estavam protegidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) nem a onça pintada era uma espécie ameaçada de extinção, como nos dias de hoje.* (p. 09):

Ou seja , antes mesmo de começar a ler *a grande aventura* que o livro conta (e cujo suspense a nota dilui) os leitores encontram um paratexto que (exemplificando os pressupostos destas maltraçadas,) lhes *direciona* a leitura, apontando os malefícios da caça. E por que é necessário *direcionar* a leitura ? Porque se acredita que os leitores do livro se tornarão, pela leitura dele, caçadores de onça e, portanto predadores da natureza e destruidores do meio ambiente ?

E será que é assim mesmo ? Será que leitores de histórias de caçadas tomam sempre o partido dos caçadores ? Ampliando a questão: como ficar sabendo do partido que os leitores tomam quando lêem histórias ?

O ponto torna-se relevante porque a nota indicadora do sentido que os leitores devem atribuir a cena da caçada da onça é tomada pelo CNE - no parecer que discute acusações de racismo na obra lobatiana- como exemplar e como modelo de uma eventual nota que anule ou amenize o conteúdo racista que algumas leituras atribuem ao livro a partir da forma como nele é tratada Tia Nastácia.

E como é que nele é tratada Tia Nastácia ?

Numa primeira leitura, ela e dona Benta são irmanadas na desqualificação que sofrem por serem adultas . Em algumas passagens (e ao longo de toda obra infantil lobatiana) , a voz de Pedrinho não hesita em desrespeitar adultos & idosos: *Gente grande !... Vovó e Tia Nastácia são gente grande e no entanto correm até de b(p.16) ; Não diga nada a vovó nem a Tia Nastácia, pois são capazes de morrer de medo(p. 26)*

Gente grande estraga tudo. Eu não aturo gente grande.(p.51). Tia Nastácia, numa passagem, figura como *menos medrosa* que Dona Benta

O susto de Dona Benta foi o maior de sua vida – tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

-Nossa Senhora da Aparecida ! Esta criançada ainda me deixa louca ...

Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era mesmo onça e:

- O mundo está perdido, Sinhá – murmurou de mãos postas.- É onça mesmo.

Mas nem sempre Tia Nastácia se salienta pela coragem.

Como em toda a obra infantil lobatiana –mais de duas dezenas de livros-produzida e incessantemente reescrita entre anos 20 e 40 do século passado- Tia Nastácia é referida como negra de estimação, quituteira de mão cheia, objeto do afeto incondicional das crianças, vítima frequente de má-criações de Emília. Mas, se nem sempre é mais corajosa do que sua patroa. Tia Nastácia é sempre parceira dela quando a maturidade adulta é exigida pelas situações narradas, como se vê no caso exemplar de A reforma da Natureza .

É a propósito de um presumido racismo do livro Caçadas de Pedrinho que se torna interessante uma nova indagação relativa a comportamentos de leitores. Lendo a história, os leitores desenvolvem preconceito contra os negros e tornam-se intolerantes ? sentem-se autorizados a saírem xingando negros e negras Ou se indignam com as má-criações da boneca ? E leitores negros ? Na pele de tia Nastácia, sentem-se ofendidos pela desbocada Emília ?

Não se sabe.

Ao discutir efeitos da manifestação de preconceito na construção de valores e de atitudes de intolerância e violência, um grupo de pesquisa da Universidade de São Paulo (*Laboratório de Estudos sobre a Intolerância*) a levanta questões muito interessantes. Qual o efeito de certas construções linguísticas a) na agenda política, b) na auto estima e construção de identidade de grupos sociais e b) em valores assumidos e em ações praticadas pelos leitores ?

Talvez sejam exatamente estas questões que se precise estudar e discutir para que paratextos em livros voltados para público jovem não se transformem em velado gerenciamento de leituras e imposição de significados, geralmente de chapa branca.

Um depoimento de Muniz Sodré de março deste ano de 2011 encaminha muito bem a questão. Lá diz o professor baiano, nascido em 1942;

" No entanto, se me perguntassem qual a minha relação pessoal com a literatura infanto-juvenil de Lobato, eu teria de ser honesto e confessar que, ainda menino, no interior do Brasil, era fascinado por suas narrativas. Francamente, eu nunca havia percebido os laivos racistas, que não são tão numerosos assim em sua obra ficcional, mas estão lá para quem se dispuser a bem enxergar. Lobato dizia que a escrita é um "processo indireto de fazer eugenia" e de fato ele sabia como fazer. Isso significa que se deva banir a literatura de Lobato? Como se pode abominar o que também se ama ou se amou? "

A julgar pelo depoimento do professor baiano, racismo não fez parte dos significados que ele construiu para os livros lobatianos que leu quando menino . Como trabalhar o depoimento de alguém que, na idade adulta, evoca o fascínio que sentia quando, *ainda menino, no interior do Brasil*, os livros de Lobato ? Como lidar com a informação de que o menino *nunca havia percebido os laivos racistas?* mas, sobretudo, como conciliar as lembranças do menino com as reservas do adulto , que submete suas reminiscências à razão do intelectual que assume que os *laivos racistas* (que) *estão lá para quem se dispuser a bem enxergar*.

O que é *bem enxergar* ? O que é *ler bem* ?

A questão está magistralmente colocada.

Qual a fundamentação para considerar a leitura do CNE de um livro de Lobato mais *correta* do que a que fazia um menino de calças curtas ?

Creio que o menino Muniz Sodré leu o livro melhor do que os conselheiros e conselheiras.

Ele leu o livro inteiro.

Caçadas de Pedrinho dispensa paratextos. Quer os voltados para questões

ecológicas, quer os voltados para questões de ética, intolerância ou preconceito. Pois a história encaminha – de forma a meu ver completamente satisfatória- questões de preservação do meio ambiente e questões de intolerância racial. A tão elogiosa nota que adverte os leitores de Caçadas contra os riscos de destruição da fauna, parece ignorar o episódio no qual os animais da floresta tomam a si a defesa do meio ambiente .

Diz uma capivara, líder dos animais:

(...) esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembleia de todos os bichos para discutirmos o caso e tomarmos as medidas necessárias à nossa segurança (p.21)

" - Os meninos de Dona Benta mataram a onça da Toca Fria – começou a capivara. – Ora, se mataram a onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão, com a maior facilidade, a qualquer outro bicho menos forte do que a onça. Estamos, pois, com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providências . Por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. Vocês, que voam, sejam meus mensageiros. Voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos amanhã a noitinha, debaixo do Figueira Brava. (p 22)

Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagem para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. (p. 23)

Penso que a nota introdutória, com seu inevitável estilo pedagogizante fica muito aquém da força *formativa* voz da capivara. Os bichos ainda oferecem uma sensacional lição de autonomia e de política, ao se defenderem por si mesmos, numa assembleia na qual expedientes de que vários deles lançam mão são uma lição extra de política, de tão aparentados que são a expedientes correntes na política humana, tanto a contemporânea de Monteiro Lobato, quanto a contemporânea dos leitores desta edição de 2008.

A propostas do CNE para tornar politicamente correto o livro toma como

modelo esta nota e propõe que se acrescente outra que se ocupe do tratamento dispensado à tia Nastácia e a elementos da cultura africana.

Como redigir tal nota ?

1) Contextualizando o livro nos anos 30 do século passado e frisando a ocorrência de discursos e atitudes preconceituosos na época, apontando a presença de tais atitudes a história ? 2) Dizendo explicitamente que não se deve discriminar negros nem a cultura africana ? 3) Incluindo rodapé em todas as passagens tidas por discriminatórias e apontando a injustiça da situação representada ?

Se esta última for a hipótese aceita, imagino que se pode aproveitar a chance para também condenar o desrespeito pelos idosos manifestados pelas crianças , e apontar a agressividade de Pedrinho que ameaça bater em Emília e quebrar todos os seus brinquedos ...

Mas, assim como a nota presente no livro passa por cima da dimensão ecológica que envolve a história, paratextos que *corrijam* ões étnicas passam por cima da frase final do livro que se encerra com Tia Nastácia tomando o lugar de Dona Benta no carrinho puxado por Quindim exclamando: *Tenha paciência, (...) Agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá ...*

Evidentemente, esta fala de Tia Nastácia não manifesta postura política equivalente a lutas, conquistas e estratégias contemporâneas assumidas por movimentos empenhados na construção da identidade negra.

Mas a fala de Tia Nastácia (interna à história, como a assembleia dos bichos) é o que se tem, e o que talvez melhor combine com o modo de ser da personagem ao longo da obra lobatiana. É pela boca e pela atitude da cozinheira negra que a igualdade de direitos é reivindicada, como foi pela boca e pela atitude dos animais que os riscos de degradação ambiental foram tematizados no livro.

O que não é pouco, creio ...

Creio, aliás, que é muito.

Um e-mail que recebi em 03.03. de 2011 é sugestivo de que a questão Lobato

talvez seja apenas a ponta de um iceberg submerso e silencioso, e que merece toda nossa atenção:

Depois, (...) gostaria que a senhora me desse um parecer sobre um fragmento de Memórias Póstumas de Braz Cubas, sob a perspectiva de literatura na escola, entendendo a escola institucionalizada como **formadora**. Eis aí o fragmento: "O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Este contraste faria suspeitar que a natureza é, as vezes, um imenso escárnio. Por que bonita se coxa? Por que coxa se bonita?" □----- Será que o papel da escola é mesmo livrar a barra do grande mestre da Literatura Brasileira, dizendo que ele estava apenas retratando a mentalidade da época ou, que ele foi medíocre neste aspecto????

CONCLUSÃO

A polêmica provocada pela questão lobatiana – iniciada pela carta do professor Antonio Gomes da Costa Neto, seguida de análise e parecer do CNE – é bem-vinda e oportuna: levanta uma questão crucial para os estudos literários relacionada ao binômio *literatura/sociedade* , *literatura / educação* , *literatura e ética* .

A questão maior talvez não seja discutir *o caso* Monteiro Lobato por ele mesmo, porém tomá-lo como pretexto para uma oportuníssima discussão de natureza teórica importante para os estudos literários: *o que faz a literatura na cabeça e na vida de quem a lê ?*

A pergunta, é claro, é do âmbito da especulação teórica mas seu encaminhamento & sua discussão -como toda boa teoria- têm consequências relevantes para o dia-a-dia de todos nós

Referências Bibliográficas

- Antonio Candido. A formação da literatura brasileira (momentos decisivos 1750-1880). RJ: Ouro sobre Azul. 10a. ed. 2006.
- BOURDIEU, P As regras da arte. SP: Cia das Letras. 1996 _

Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB 15/2010

Fish, S. Is there a text in this class ? (The authority of interpretive communities). Harvard University Press. 1980.

Manuel Bandeira. Estrela da vida inteira (poesias reunidas) . RJ.: José Olympio. 1966.
P. 127.

Monteiro Lobato. O picapau amarelo e A reforma da natureza . SP: Ed. Brasiliense. 1957.

Monteiro Lobato. Caçadas de Pedrinho. Sp: Ed. Globo. 2006

...